

## Reunião nº 4 – Ano Litúrgico 2021/2022 Plano de Reunião – Formação de Leitores 30.12.2021

### A Eucaristia dominical é o memorial do Cristo encarnado e Ressuscitado pelo Pai

Paróquia do Divino Salvador de Vilar Andorinho – 30.12.2021

Como batizados, inundados pelo Espírito, sentimos a necessidade (“obrigação” diz o Catecismo da Igreja Católica), de louvar o nosso Deus que encarnou e habitou entre nós. E, como crentes, com uma Fé esclarecida, acreditamos que Jesus, o Ungido de Deus, foi Ressuscitado pelo Pai e habita entre nós.

Então, como recordar e fazer memória, como aderir plenamente e louvar sem cessar o nosso Deus, na pessoa do Seu Filho?

Como vivenciar na terra, junto dos homens e nos nossos dias, a experiência da Ressurreição do Filho de Deus, Jesus, o Cristo, o Ungido pelo Pai?

Esclareçamos, antes, um ponto essencial.

Os judeus, zelosos da sua religião e centrados nos ensinamentos da *Torah*, acreditavam que Deus habitava no Templo, no lugar conhecido pelo Santo dos Santos e onde apenas era permitido ao Sumo Sacerdote entrar uma vez por ano, no dia do *Yom Kipur*, o dia da Expição (tem a ver com o pecado cometido pelo povo de hebreu aquando da feitura e posterior adoração do bezerro de ouro idolatrado enquanto Moisés acolhia, no alto do monte Horeb (Sinai) as tábuas da Lei de Deus com os 10 mandamentos). Após esse pecado, Moisés rezou e ao décimo dia do mês hebraico de *Tisherei* – ver última página - Deus perdoou os judeus conforme consta da *Torah*. Na mesma *Torah* se escreve:

Levítico 23, 26-28

<sup>26</sup>SENHOR falou a Moisés nestes termos: <sup>27</sup>«No décimo dia deste sétimo mês, que é o dia do perdão, fareis uma assembleia sagrada; fareis penitência, e apresentareis uma oferta queimada em honra do SENHOR. <sup>28</sup>Não fareis nenhum trabalho nesse mesmo dia, porque é um dia de perdão, para se fazer sobre vós o rito da purificação diante do SENHOR, vosso Deus.

Este dia é o dia mais sagrado do calendário judaico. Em 2022 o dia do *Yom Kipur* acontecerá a 04 de outubro.

Se antes, desde o tempo de Salomão, filho do rei David, os judeus tinham o Templo, a casa onde Deus habitava acabado de construir no ano 1005 a.C. e se depois, após o regresso do exílio na Babilónia, voltaram a reerguer o Templo sob a orientação de Zorobabel (ano 516 a.C.), acontece que nos anos 70 da nossa era, o exército romano arrasou toda a Jerusalém e com ela, definitivamente, o Templo erigido no Monte Moriá, local onde se crê que Abraão se dispusera a imolar o filho Isaac a pedido do Senhor e nas elevações do Monte Sião. Não mais foi possível reconstruir o Templo até porque em 685/691 da nossa era, foi nesse local construída a Mesquita de al-Aqsa, mesquita de Omar, mesquita conhecida pela sua famosa Cúpula da Rocha, cúpula dourada e que assim ficou conhecida por estar rodeada das “rochas dos sacrifícios judaicos”. Ainda hoje é uma preciosidade arquitetónica que sobreviveu aos tempos.

Como dissemos, a religião judaica acreditava e acredita que, no Templo, habitava Deus. Como não há Templo, acabaram os sacrifícios e holocaustos ao Único Deus que lá habitava. Hoje as sinagogas são lugar de culto à *Torah*, onde se lê, ensina e reflete sobre o conteúdo da doutrina judaica.

A destruição definitiva do Templo de Jerusalém foi, pois, uma perda traumática para os nossos irmãos judeus, que não mais puderam ter a casa onde Deus habitava, no alto do Monte Sião, no cimo da cidade de Jerusalém.

Como cristãos devemos aceitar a posição dos nossos irmãos judeus, mas estamos obrigados, porque batizados, a aderir à iluminação pelo Espírito a Jesus de Nazaré, o Deus encarnado, homem como nós exceto no pecado. Isto é fundamental para nos ajudar a construir uma Fé adulta.

Os cristãos e os católicos em particular, os seguidores do Deus encarnado, Jesus de Nazaré, o Ungido por Deus, não acreditam que Deus habita nas suas igrejas (edifícios). A igreja (edifício) não é a casa de Deus. A igreja (edifício) é a casa onde se reúne o Povo de Deus (a verdadeira Igreja). Jesus de Nazaré disse-o muitas e repetidas vezes.

Vejam o que escreve Mateus no seu Evangelho – Mt 18, 19-20 - Oração comunitária - <sup>19</sup>«Digo-vos ainda: Se dois de entre vós se unirem, na Terra, para pedir qualquer coisa, hão-de obtê-la de meu Pai que está no Céu. <sup>20</sup>Pois, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles.»”

Nos primeiros tempos, os nossos antepassados seguidores de Jesus de Nazaré, eram **“os do Caminho”**

Atos 2, 42-47

<sup>42</sup>Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fração do pão e às orações. <sup>43</sup>Perante os inumeráveis prodígios e milagres realizados pelos Apóstolos, o temor dominava todos os espíritos. <sup>44</sup>Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum. <sup>45</sup>Vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos, de acordo com as necessidades de cada um. <sup>46</sup>Como se tivessem uma só alma, frequentavam diariamente o templo, partiam o pão em suas casas e tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração. <sup>47</sup>Louvavam a Deus e tinham a simpatia de todo o povo. E o Senhor aumentava, todos os dias, o número dos que tinham entrado no caminho da salvação.”

Por volta dos anos 48/50 e em Antioquia, pela primeira vez se começaram a chamar cristãos.

Atos 11.25-26

<sup>25</sup>Então Barnabé foi a Tarso procurar Saulo. <sup>26</sup>Quando o encontrou, levou-o para Antioquia. Ali permaneceram com a igreja um ano inteiro, ensinando a muitas pessoas. Foi em Antioquia que os discípulos foram chamados de cristãos pela primeira vez.

Desde sempre, portanto, Deus está presente em todas as Igrejas cristãs (comunidades humanas) e sempre que essas comunidades se reúnem em prece e louvor ao Pai, ao Filho Jesus e ao Espírito de ambos. O **“Abba”** **“papá”** está no coração de cada um dos que aí se reúnem.

Voltaremos a este tema, muito em breve, para uma catequese mais longa e principalmente para bem perceber o que significam: o sacrário, a reserva sacramental, etc...

**Por agora prossigamos o nosso tema de hoje:**

**A Eucaristia dominical é o memorial do Cristo encarnado e Ressuscitado pelo Pai.**

Antes, percebamos a catequese de Lucas.

**Lc 24, 13-35**

<sup>13</sup>Nesse mesmo dia, dois dos discípulos iam a caminho de uma aldeia chamada Emaús, que ficava a cerca de duas léguas de Jerusalém; <sup>14</sup>e conversavam entre si sobre tudo o que acontecera. <sup>15</sup>Enquanto conversavam e discutiam, aproximou-se deles o próprio Jesus e pôs-se com eles a caminho; <sup>16</sup>os seus olhos, porém, estavam impedidos de o reconhecer. <sup>17</sup>Disse-lhes Ele: «Que palavras são essas que trocáis entre vós, enquanto caminhais?» Pararam entristecidos. <sup>18</sup>E um deles, chamado Cléofas, respondeu: «Tu és o único forasteiro em Jerusalém a ignorar o que lá se passou nestes dias!» <sup>19</sup>Perguntou-lhes Ele: «Que foi?» Responderam-lhe: «O que se refere a Jesus de Nazaré, profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo; <sup>20</sup>como os sumos sacerdotes e os nossos chefes o entregaram, para ser condenado à morte e crucificado. <sup>21</sup>Nós esperávamos que fosse Ele o que viria redimir Israel, mas, com tudo isto, já lá vai o terceiro dia desde que se deram estas coisas. <sup>22</sup>É verdade que algumas mulheres do nosso grupo nos deixaram perturbados, porque foram ao sepulcro de madrugada <sup>23</sup>e, não achando o seu corpo, vieram dizer que lhes apareceram uns anjos, que afirmavam que Ele vivia. <sup>24</sup>Então, alguns dos nossos foram ao sepulcro e encontraram tudo como as mulheres tinham dito. Mas, a Ele, não o viram.» <sup>25</sup>Jesus disse-lhes, então: «Ó homens sem inteligência e lentos de espírito para crer em tudo quanto os profetas anunciaram! <sup>26</sup>Não tinha o Messias de sofrer essas coisas para entrar na sua glória?» <sup>27</sup>E, começando por Moisés e seguindo por todos os Profetas, explicou-lhes, em todas as Escrituras, tudo o que lhe dizia respeito. <sup>28</sup>Ao chegarem perto da aldeia para onde iam, fez menção de seguir para diante. <sup>29</sup>Os outros, porém, insistiam com Ele, dizendo: «Fica conosco, pois a noite vai caíndo e o dia já está no ocaso.» Entrou para ficar com eles. <sup>30</sup>E, quando se pôs à mesa, tomou o pão, pronunciou a bênção e, depois de o partir, entregou-lho. <sup>31</sup>Então, os seus olhos abriram-se e reconheceram-no; mas Ele desapareceu da sua presença. <sup>32</sup>Disseram, então, um ao outro: «Não nos ardia o coração, quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?» <sup>33</sup>Levantando-se, voltaram imediatamente para Jerusalém e encontraram reunidos os Onze e os seus companheiros, <sup>34</sup>que lhes disseram: «Realmente o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão!» <sup>35</sup>E eles contaram o que lhes tinha acontecido pelo caminho e como Jesus se lhes dera a conhecer, ao partir o pão.

**Esta catequese é esclarecedora sobre o como devemos perceber o rito da missa dominical, de todas as missas, vividas e partilhadas comunitariamente pelo Povo de Deus. Nela (s) os cristãos católicos vivem a sua Fé na vida eterna pelo acreditar na ressurreição de Jesus Cristo.**

Vejamos como comparar o episódio de Emaús (uma catequese) com o rito e a vivência da missa como memorial dessa Páscoa.

Chegamos à igreja da paróquia, muitas vezes acabrunhados, tristes, “derrotados” pelos problemas do quotidiano. Talvez até só pensando no cumprimento ritual. Benzemo-nos invocando e lembrando que somos batizados, que fomos mergulhados não só na água, mas no Espírito de Deus derramado sobre os seus filhos. Continuamos com o momento da penitência ou perdão. Este ritual que, muitas vezes, nos diz pouco porque temos uma Fé pequenina que não cresceu e nos não esclarece do que é o pecado. Rezamos ou cantamos o Glória... e o nosso coração começa a abrir-se.... Começamos como que a ficar expostos, colocados diante do Pai (Deus) e do filho (Jesus Cristo). O filho de Deus encarnado que disse que estaria no meio de nós sempre que estivéssemos reunidos em Seu nome. E questiona-nos: Que tem acontecido contigo nesta semana? Como vai a teu caminho de batizado? E, devagarinho, começa a explicar-nos, usando o serviço do leitor, o Caminho do Reino. É o momento da Liturgia da Palavra: 1ª Leitura (o histórico do 1º Testamento); 2ª Leitura e Evangelho (a catequese da vinda do Deus encarnado: o 2º Testamento). E, como somos muito lentos (às vezes preguiçosos) a entender, é preciso voltar a explicar ou explicar de outra maneira, para que os ouvidos se abram. Chamamos a este tempo, o tempo da homilia.

Se estamos atentos, como deveríamos sempre estar, começamos a perceber e a auto-questionarmos: porque é que nunca tínhamos pensado nisto? E a nossa Fé vai amadurecendo. E até proclamamos alto e convictamente a nossa Fé que associamos ao Credo dos Apóstolos e aos primeiros discípulos. Estamos a ficar “novos”, diferentes, esclarecidos, até nos parece (realmente) que o próprio Jesus Cristo se fez presente, que se colocou e está no meio de nós. E dá-nos vontade de pedir: Jesus fica comigo e conosco. E Ele fica. O seu representante ordenado, que preside ao louvor e memória desejado pela comunidade, que preside à mesa memorial da Última Ceia, pega no pão e no vinho, abençoa-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito de ambos, dá graças e os meus e os teus olhos como que se abrem e eu e tu já não O vemos. Desaparece à nossa vista. E porquê, seremos levados a perguntar como os discípulos de Emaús? A resposta é simples: comungamos O seu Corpo e O seu Sangue e, agora, Ele não está fora de cada um de nós, não é um estranho, mas está plenamente comigo e contigo e eu e tu vamos levá-l’O para a nossa vida.

E, se assim não é, teremos de nos questionar: **Que cristãos somos nós?**

Depois o rito final: “Ide e anunciai o Evangelho”. Tal qual as palavras do Mestre aos seus discípulos e a cada um de nós nos dias de hoje. Intriga a razão pela qual hoje, o missal, numa versão “aligeirada”, diz apenas:” Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe”. Como seria bom voltar aos tempos e às práticas originais!

Voltamos para a mesma casa, para a mesma família, para desafiar os mesmos e/ou novos problemas. Ou seja, para o mesmo ... Jerusalém, agora renascido e vivificado. E tal acontece, porque estamos diferentes (será!), porque estamos felizes (será!), porque estamos de novo sorridentes (será!).

Se assim não é, interroguemo-nos: Porquê?

Afinal, eu e tu ressuscitamos com Ele e isso não nos fez diferentes?

Eu e tu vimo-l’O e isso não nos tornou diferentes para melhor!

Toda a missa é Páscoa, passagem da “morte” à Vida

Porém, ainda há gente que insiste em continuar no seu Emaús descrente, triste, ....

## Natal e Novo Ano

O Papa Francisco não manifesta muito apreço pelo reino das abstrações. Os seus textos referem-se sempre a situações concretas que procuram socorrer o presente e abrir o futuro.



*Frei Bento Domingues O.P.* 26 de dezembro de 2021 - Jornal Público

1. O Natal de Jesus de Nazaré inspirou, em todas as épocas, as mais belas obras de arte – música, literatura, pintura, arquitetura – e é possível encontrar nelas uma fonte de alegria porque, como diz Emir Kusturica, a felicidade produzida pela arte é o maior feito dos seres humanos [1]. Inspirou, sobretudo, uma nova arte de viver.

Como escreveu Frederico Lourenço, na Introdução aos Quatro Evangelhos [2], “Na segunda metade do século I da era cristã, o manancial (já de si tão rico) de textos em língua grega veio a enriquecer-se ainda mais com o aparecimento de quatro textos que mudaram para sempre a História da Humanidade. Nesses textos, o leitor escolarizado da época ter-se-ia confrontado com uma temática muito diferente da que conhecia de Homero, Sófocles ou Platão. Pois nestes quatro textos não se falava das façanhas heróicas de reis e de guerreiros, nem se reportavam as conversas de aristocratas atenienses com o lazer e o dinheiro para se dedicarem à filosofia. Aqui falava-se de pescadores e de leprosos; falava-se de pessoas desprezadas pela baixa condição na sociedade, pelas suas deficiências físicas, pelos seus problemas de saúde mental; falava-se de figuras femininas que não eram as rainhas e princesas da epopeia e da tragédia gregas, mas sim mulheres normais da vida real (a queixarem-se da lida da casa ou a exercerem, talvez, a mais antiga profissão do mundo). Acima de tudo, nestes quatro textos falava-se de certo homem, filho de um carpinteiro nazareno: um homem carismático, cheio de compreensão por todo o tipo de sofrimento humano; um homem que, apesar de não ter praticado qualquer crime, acabou por morrer crucificado como se fosse um criminoso, no meio de dois ladrões. Esse homem – que muitos foram reconhecendo como “Ungido” (*Khristós*: Cristo) de Deus e até como *Filho* de Deus – era portador da mais extraordinária das mensagens, transmitida com palavras simples, por vezes sob a forma de pequenas histórias singelas, compreensíveis em qualquer aldeia”.

“Por terem sido escritos num grego desprezível, sem vestígio da sumptuosidade verbal dos grandes autores helénicos, é provável que estes quatro textos nem merecessem ao leitor culto da época o alto estatuto de literatura. No entanto, estes textos conquistaram o mundo antigo, tanto grego como romano. Lendo-os dois mil anos depois, não é difícil perceber porquê. Sobre um desses textos já se escreveu que se trata do ‘mais divino de todos os livros divinos’: na verdade, essa descrição assenta a qualquer um deles. São textos que – com a sua mensagem sublime veiculada por palavras cuja beleza desarmante ainda deixa arrepiado quem os leu e releu ao longo de uma vida inteira – estão simplesmente numa categoria à parte”.

Não se podia dizer melhor. Jesus não deixou nada escrito e os escritos acerca de Jesus não são biografias. Não são reportagens. Recolhem testemunhos de pessoas e comunidades que foram transformadas ao seu contacto. Esses escritos mostram que os discípulos tiveram muita dificuldade em entender o sentido da intervenção de Jesus. Procuravam uma figura e um caminho que nada tinham a ver com o Nazareno. O Mestre teve de lhes dizer: não há poder nenhum de dominação para ninguém. Quem procura poder seja o primeiro a servir, *porque o filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida por todos*. A história das Igrejas cristãs repetiu, muitas vezes, o equívoco dos discípulos, mas também tem encontrado

peças e grupos que *nasceram de novo* e, quando parece que está tudo perdido, retomam o caminho de Jesus com o seu Espírito.

O Papa Francisco tem mais admiradores do que seguidores, mas nem por isso, Francisco desarma

2. Vivemos, neste momento, o mesmo desafio – *nascer de novo* – para semear esperança de que a transformação do mundo, na linha da mensagem de Jesus, é necessária e é possível. Podemos também repetir: a tarefa é imensa e os operários para esse mundo novo são poucos, muito poucos. O Papa Francisco tem mais admiradores do que seguidores, mas nem por isso, Francisco desarma.

Estes quatro textos, de há dois mil anos, não foram escritos para nos atar ao passado, *àquele tempo*. Tomás de Aquino estava convencido e teve a ousadia de dizer: o que aconteceu há dois mil anos atinge todos os tempos e lugares. Cristo está vivo. São textos para dizerem como é que podemos mudar a nossa vida e não, apenas, a dos seus discípulos de há dois mil anos. Um credo fundamental foi encontrado por um autor pagão: *em Deus vivemos, nos movemos e existimos* [3].

Da Primeira Carta de S. João, chegou-nos algo de extraordinário: “O que existia desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplámos e as nossas mãos tocaram relativamente ao Verbo da Vida. (...) Isto vos escrevemos para que a nossa alegria seja completa” [4]. É um passado que não passa. O cristianismo só tem sentido se abrir portas e janelas para o mundo da alegria.

Acusam Bergoglio de trair a autêntica tradição católica. Por isso, não o consideram verdadeiro Papa. Esta acusação parte de uma confusão entre Tradição e tradições e, muitas delas, estão em contradição com o Evangelho de Jesus Cristo

Acusam Bergoglio de trair a autêntica tradição católica. Por isso, não o consideram verdadeiro Papa. Esta acusação parte de uma confusão entre Tradição e tradições e, muitas delas, estão em contradição com o Evangelho de Jesus Cristo. O que o Papa procura é, precisamente, recuperar a Tradição viva, submergida por tradições e costumes que a ocultam.

O Papa Francisco não manifesta muito apreço pelo reino das abstrações. Os seus textos referem-se sempre a situações concretas que procuram socorrer o presente e abrir o futuro. Destaco, apenas, três documentos: o seu manifesto, *Evangelii Gaudium*, sobre a alegria do Evangelho, a esperança dum renascimento dos escombros da história, o início dum futuro luminoso; *Laudato Si'* sobre uma ecologia integral para salvar a Casa Comum, a casa de todos; *Fratelli Tutti* que recupera o que há de mais genuíno e profundo: a fraternidade. A Idade Moderna consagrou a famosa trilogia – liberdade, igualdade e fraternidade –, mas é, precisamente, a fraternidade que falta fazer, não é só uma bela palavra.

3. A 8 de Dezembro de 1967, o Papa Paulo VI escreveu uma mensagem propondo a criação do Dia Mundial da Paz, a ser festejado no dia 1 de janeiro de cada ano. Mas o Papa não queria que a comemoração se restringisse apenas aos católicos – para ele, a verdadeira celebração da paz só estaria completa se envolvesse todos os seres humanos. De facto, foi João XXIII que escreveu um verdadeiro manifesto pela Paz, dirigido a todos os seres humanos de boa vontade, a famosa *Pacem in Terris* (1963). O fundamento da Paz era a busca da verdade, na justiça, no amor e na liberdade, num momento em que a comunidade internacional parecia estar na direção do terceiro conflito mundial.

Este ano, o Papa Francisco entrou e reforçou essa dinâmica com a espantosa mensagem: *Diálogo entre gerações, educação e trabalho: instrumentos para construir uma paz duradoura*.

É uma leitura obrigatória acerca do essencial. Com a paz tudo é possível, com as guerras, só destruição. Perante as ameaças, temos de fazer um Bom Ano!

[1] Cf. Ípsilon – PÚBLICO !7/2/2021

[2] Frederico Lourenço, *Bíblia, Volume I, Novo Testamento. Os Quatro Evangelhos*, tradução do grego, Quetzal 2016

[3] Act 17, 28

[4] 1Jo 1, 1-4

## SOLENIDADE DA MÃE DE DEUS – 01.01.2022

### LEITURA I – Num 6,22-27

O texto da leitura que nos é proposta é retirado da primeira parte do Livro dos Números. No contexto das últimas instruções de Jahwéh a Moisés antes de os filhos de Israel deixarem o Sinai, apresenta-se uma “bênção” que os “filhos de Aarão” (sacerdotes) deviam pronunciar sobre a comunidade do Povo de Deus. Provavelmente, trata-se de uma fórmula litúrgica utilizada no Templo de Jerusalém para abençoar a comunidade, no final das funções litúrgicas e que aqui é apresentada como um dom de Deus no Sinai.

“bênção” (“beraka”) é concebida como uma comunicação de vida, real e eficaz, que atinge o “abençoado” e que lhe traz vigor, força, êxito, felicidade. É um dom que, uma vez pronunciado, não pode ser retirado nem anulado. Aqui, essa comunicação de vida, fruto da generosidade de Deus, derrama-se sobre os membros da comunidade por intermédio dos sacerdotes – no Antigo Testamento, os intermediários entre o mundo de Jahwéh e a comunidade israelita.

Depois de estar garantida a atenção da assembleia, lê-se o título do texto	Leitura do Livro dos Números ///
Na leitura da <u>frase</u> , preparar o discurso que se segue.  As expressões <b>diz-lhes</b> e <i>dizendo</i> devem ser lidas em tom de introdução do discurso.  Ler pausadamente e valorizar o <b>sujeito</b> .	<b>O Senhor disse a Moisés: //</b> «Fala a Aarão e aos seus filhos e <b>diz-lhes: /</b> Assim abençoareis os filhos de Israel, <i>dizendo: /</i> <b>‘O Senhor</b> te abençoe e te proteja. // <b>O Senhor</b> faça brilhar sobre ti a sua face / e te seja favorável. // <b>O Senhor</b> volte para ti os seus olhos / e te conceda a paz’. // Assim invocarão o meu nome sobre os filhos de Israel / e Eu os abençoarei». ///
Com tom solene e aclamativo, olhando a assembleia, convidando-a a responder.	<b>Palavra do Senhor</b>

#### Na reflexão, ter em conta os seguintes elementos:

A primeira linha de reflexão pode ir para a constatação da generosidade do nosso Deus, que não nos abandona nunca, mas continua a criar-nos continuamente, derramando sobre nós a plenitude da vida e da felicidade.

É de Deus que tudo recebemos: vida, força e aquelas mil e uma pequeninas coisas que enchem a nossa vida e que nos dão instantes plenos. Tendo consciência dessa presença contínua de Deus ao nosso lado, somos gratos por isso? No nosso diálogo com Ele, sentimos a necessidade de O louvar e de Lhe agradecer por tudo o que Ele coloca na nossa existência? Agradecemos todos os seus dons no ano que acaba de terminar?

É preciso ter consciência de que a “bênção” de Deus não cai do céu como uma chuva mágica que nos molha, quer queiramos, quer não (magia e Deus não combinam); mas a vida de Deus, derramada sobre nós continuamente, tem de ser

acolhida no coração com amor e gratidão e, depois, transformada em gestos concretos de amor e de paz. É com o nosso “sim” que a vida de Deus nos atinge.

## LEITURA II – Gal 4,4-7

O contexto em que Paulo escreve a Carta aos Gálatas é o de uma profunda crise de identidade das Igrejas da Galácia. À região gálatas (centros da Ásia Menores) tinham chegado pregadores que acusavam Paulo de não pregar o verdadeiro Evangelho e que exigiam aos Gálatas a observância fiel da Lei de Moisés, nomeadamente o rito da circuncisão. Estes “pregadores”, oriundos das comunidades judeo-cristãs da Palestina, são conhecidos na história do cristianismo primitivo como “judaizantes”.

Paulo percebe o mal que estes “pregadores” estão a fazer. Eles pretendem transformar o cristianismo numa religião de ritos, num cumprimento de regras externas, numa escravatura a rituais que não tinham nada a ver com a proposta libertadora de Cristo. De forma dura, ele convida os Gálatas a fazer a sua escolha: ou pela escravidão da Lei, ou pela liberdade que Cristo veio trazer.

No texto que nos é proposto, Paulo recorda aos Gálatas a encarnação de Cristo e o objetivo da sua vinda ao mundo: fazer de nós “filhos de Deus” livres.

Depois de estar garantida a atenção da assembleia, lê-se o título do texto	Leitura da Epístola do Apóstolo São Paulo aos Gálatas ///
Esta leitura é breve. As frases são longas, incluindo vários complementos e orações secundárias. A mudança de tom é fundamental, de modo a valorizar a leitura. Valorizar esta <b>expressão</b> , preparando o discurso que se segue. Ler a <u>frase</u> em tom distinto. Valorizar a <i>frase</i> .  Em tom diferente.  Num modo exclamativo! Lê-se: <b>ÁBÁ</b> As duas expressões assinaladas devem ser lidas em tom diferente	<b>Irmãos: //</b> Quando chegou a plenitude dos tempos, / <u>Deus enviou o seu Filho,</u> / <i>nascido de uma mulher e sujeito à Lei,</i> / para resgatar os que estavam sujeitos à Lei / e nos tornar seus filhos adotivos. //  <i>E porque sois filhos,</i> / Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: / « <i>Abbá! Pai!</i> » // <i>Assim, já não és escravo, mas filho.</i> / E, <u>se és filho</u> , também és herdeiro, por graça de Deus. ///
Com tom solene e aclamativo, olhando a assembleia, convidando-a a responder.	<b>Palavra do Senhor</b>

### Na reflexão deste texto, podem tocar-se os seguintes pontos:

A experiência cristã é, fundamentalmente, uma experiência de encontro com um Deus que é “abba” – isto é, que é um “papá” muito próximo, com quem nos identificamos, a quem amamos e em quem confiamos plenamente. É esta proximidade libertadora e confiante que temos com o nosso Deus?

A nossa experiência cristã leva-nos a sentirmo-nos “filhos” amados, ou ao cumprimento de regras e de obrigações? Na Igreja, não se põe, às vezes, ênfase em cumprir determinados ritos externos, esquecendo o essencial – a experiência de “filhos” livres de Deus?

A importante constatação de que somos “filhos” de Deus leva-nos a uma descoberta fundamental: estamos unidos a todos os outros homens – filhos de Deus como nós – por laços fraternos. É a mesma vida de Deus que circula em todos nós... O que é que esta constatação implica, em termos concretos? O que é que isto significa, no que diz respeito à relação que nos deve ligar com os outros? Faz algum sentido marginalizar alguém por causa da sua raça ou do seu estatuto social?

## EPIFANIA do SENHOR – 02.01.2022

### LEITURA I – Is 60,1-6

A primeira leitura de hoje integra um bloco a que se convencionou chamar “Tritolsaías” (cap. 56-66 do Livro de Isaías). Para alguns, são textos de um profeta anónimo, pós-exílico, que exerceu o seu ministério em Jerusalém, entre os retornados da Babilónia, nos anos 537/520 a.C.; para a maioria, trata-se de textos que provêm de uma pluralidade de autores e que foram redigidos ao longo de um arco de tempo relativamente longo (provavelmente, entre os séc. VI e V a.C.). Seja como for, estamos na época a seguir ao regresso do exílio da Babilónia e numa Jerusalém ainda bem marcada pelo sofrimento passado e pela pobreza presente.

O texto que nos é proposto é uma glorificação de Jerusalém, a cidade da luz (pela sua situação geográfica, a cidade é iluminada desde o nascer do dia até ao pôr do sol). Ainda há pouco tempo a cidade estava vazia e em ruínas, num quadro de noite e escuridão; agora, já terminou a humilhação, mas a cidade espera ainda a restauração do Templo, uma população mais numerosa e uma tranquilidade maior.

Depois de estar garantida a atenção da assembleia, lê-se o título do texto	Leitura do Livro de Isaías ///
Ler todo o texto de modo exultativo!	
Ler expressiva e vigorosamente os verbos. Ler <i>Jerusalém</i> em tom de vocativo (Ó Jerusalém).	<b>Levanta-te e resplandece, Jerusalém, /</b> porque chegou a tua luz / e brilha sobre ti a glória do Senhor. // Vê como a noite cobre a terra / e a escuridão os povos. //
Ler bem o verbo, preparando o que vêm depois. Enfatizar o <i>todos</i> , ler bem o <u>verbo</u> (como se tivesse dois “e”).	Mas sobre ti levanta-Se o Senhor / e a sua glória te ilumina. // As nações caminharão à tua luz / e os reis ao esplendor da tua aurora. / Olha ao redor e vê: / <i>todos</i> se reúnem e <u>vêm</u> ao teu encontro; / os teus filhos vão chegar de longe / e as tuas filhas são trazidas nos braços. /
Particular atenção aos verbos. Valorizar o <i>ti</i> .	Quando o vires ficarás radiante, / <b>palpitará e dilatar-se-á</b> o teu coração, / pois a <i>ti</i> afluirão os tesouros do mar, / a <i>ti</i> virão ter as riquezas das nações. // Invadir-te-á uma multidão de camelos, / de <u>dromedários</u> de Madiã e Efá. //
Ler bem a <u>palavra</u> .	
Ler, expressivamente, este último período do texto.	<b>Virão todos os de Sabá, /</b> <b>trazendo ouro e incenso /</b> <b>e proclamando as glórias do Senhor. ///</b>
Com tom solene e aclamativo, olhando a assembleia, convidando-a a responder.	<b>Palavra do Senhor</b>

### Na reflexão, ter em conta os seguintes desenvolvimentos:

Na catequese cristã dos primeiros tempos, esta Jerusalém nova, que já “não necessita de sol nem de lua para a iluminar, porque é iluminada pela glória de Deus”, é a Igreja – a comunidade dos que aderiram a Jesus e acolheram a luz salvadora que Ele veio trazer (cf. Ap 21,10-14.23-25). Será que nas nossas comunidades brilha a luz libertadora de Jesus? As nossas desavenças e conflitos, a nossa falta de amor, os ciúmes e rivalidades, não contribuirão para empanar o brilho dessa luz de Deus que devíamos reflectir?



Será que na nossa Igreja há espaço para todos aqueles que buscam a luz libertadora de Deus? As diferenças, próprias da diversidade de culturas, são vistas como uma riqueza que importa preservar, ou como uma ameaça à uniformidade?

## LEITURA II – Ef 3,2-3a.5-6

Quando Paulo escreve a Carta aos Efésios, está preso – não sabemos se em Cesareia, em Roma, ou em qualquer outro lugar. É um Paulo de uma reflexão e uma catequese já bem amadurecidas que escreve este texto. A carta (talvez uma “carta circular”, enviada a várias comunidades cristãs da Ásia Menor) parece apresentar uma espécie de síntese do pensamento paulino.

O tema central da Carta aos Efésios é aquilo a que Paulo chama “o mistério”: o desígnio (ou projeto) salvador de Deus, definido desde toda a eternidade, escondido durante séculos, revelado e concretizado plenamente em Jesus, comunicado aos apóstolos, desfraldado e dado a conhecer ao mundo na Igreja.

Depois de estar garantida a atenção da assembleia, lê-se o título do texto	Leitura da Epístola do Apóstolo São Paulo aos Efésios ///
Preparar, com a <b>expressão</b> , a leitura do que vem a seguir.	<b>Irmãos: //</b> Certamente já ouvistes falar / da graça que Deus me confiou a vosso favor: // por uma revelação, / foi-me dado a conhecer o mistério de Cristo. //
Em tom diferente.	<i>Nas gerações passadas, /</i> ele não foi dado a conhecer aos filhos dos homens / como agora foi revelado <i>pelo Espírito Santo /</i> <b>aos seus santos apóstolos e profetas: /</b>
Ler a <i>expressão</i> como se estivesse entre vírgulas.	os gentios recebem a mesma herança que os judeus, / pertencem ao mesmo corpo / e participam da mesma promessa, /
Em tom diferente.	<i>em Cristo Jesus, por meio do Evangelho. ///</i>
Com tom solene e aclamativo, olhando a assembleia, convidando-a a responder.	<b>Palavra do Senhor</b>

### Na reflexão, considerar as seguintes questões:

A presença salvadora de Deus no meio do seu Povo, já enunciada na primeira leitura, tem aqui novos desenvolvimentos. A primeira novidade é que Cristo é a revelação e a realização plena desse projeto. A segunda novidade é que esse projeto não se destina apenas “a Jerusalém” (ao mundo judaico), mas é para todos os povos, sem exceção.

A Igreja é o “corpo de Cristo”, isto é, a comunidade daqueles que acolheram “o mistério”. Nela, judeus e pagãos – beneficiários todos do projeto salvador de Deus – têm lugar, em igualdade de circunstâncias. Temos, verdadeiramente, consciência de que é nesta comunidade de crentes que se revela hoje ao mundo o projeto salvador de Deus? E as nossas comunidades são verdadeiras comunidades fraternas, onde todos se amam sem distinção de raça, cor ou estatuto social? As diferenças legítimas são um complemento da nossa riqueza comum, ou razões para manifestarmos indiferença e afastamento face aos irmãos?

Esta igualdade fundamental de todos os homens implica sentirmo-nos responsáveis por todos aqueles que partilham connosco o mundo (ou, quem sabe, o cosmos). Sentimo-nos responsáveis pela sorte dos nossos irmãos, mesmo por aqueles que estão separados de nós pela geografia, pela diversidade de culturas e de raças?

## BATISMO DO SENHOR – 09.01.2022

### LEITURA I – Is 42,1-4.6-7

O nosso texto pertence ao “Livro da Consolação” do Deutero-Isaías (cf. Is 40-55). “Deutero-Isaías” é um nome convencional com que os biblistas designam um profeta anónimo da escola de Isaías, que cumpriu a sua missão profética na Babilónia, entre os exilados judeus. Estamos na fase final do Exílio, entre 550 e 539 a.C.; os judeus exilados estão frustrados e desorientados pois, apesar das promessas do profeta Ezequiel, a libertação tarda... Será que Deus se esqueceu do seu Povo? Será que as promessas proféticas eram apenas “conversa fiada”?

O Deutero-Isaías aparece, então, com uma mensagem destinada a consolar os exilados. Começa por anunciar a iminência da libertação e por comparar a saída da Babilónia ao antigo êxodo, quando Deus libertou o seu Povo da escravidão do Egipto (cf. Is 40-48); depois, anuncia a reconstrução de Jerusalém, essa cidade que a guerra reduziu a cinzas, mas à qual Deus vai fazer regressar a alegria e a paz sem fim (cf. Is 49-55).

No meio desta proposta “consoladora” aparecem, contudo, quatro textos (cf. Is 42,1-9; 49,1-13; 50,4-11; 52,13-53,12) que fogem um tanto a esta temática. São cânticos que falam de uma personagem misteriosa e enigmática, que os biblistas designam como o “Servo de Jahwéh”: ele é um predileto de Jahwéh, a quem Deus chamou, a quem confiou uma missão profética e a quem enviou aos homens de todo o mundo; a sua missão cumpre-se no sofrimento e numa entrega incondicional à Palavra; o sofrimento do profeta tem, contudo, um valor expiatório e redentor, pois dele resulta o perdão para o pecado do Povo; Deus aprecia o sacrifício deste “Servo” e recompensá-lo-á, fazendo-o triunfar diante dos seus detratadores e adversários.

O texto que hoje nos é proposto é parte do primeiro cântico do “Servo” (cf. Is 42,1-9). É possível que a personagem a quem este primeiro cântico se refere seja Ciro, rei dos persas, o homem a quem Deus confiou a libertação do seu Povo...

Depois de estar garantida a atenção da assembleia, lê-se o título do texto	Leitura do Livro de Isaías ///
No <u>sublinhado</u> , preparar o discurso que se segue. Os <u>itálicos</u> deverão ser lidos em tom diferente.  Ler expressivamente as <u>expressões</u> , de modo a valorizar os verbos.  Enfatizar as <u>expressões</u> .  Valorizar as referências aos “tu”!	<u>Diz o Senhor:</u> / «Eis o meu servo, a quem <i>Eu protejo</i> , / o meu eleito, <i>enlevo da minha alma</i> . // Sobre ele fiz repousar o meu espírito, / para que leve a justiça às nações. // <u>Não gritará, nem levantará a voz</u> , / <u>nem se fará ouvir nas praças</u> ; // <u>não quebrará a cana fendida</u> , / <u>nem apagará a torcida que ainda fumeja</u> ; / <u>proclamará fielmente a justiça</u> . // <u>Não desfalecerá nem desistirá</u> , / enquanto não estabelecer a justiça na terra, / a doutrina que as ilhas longínquas esperam. / Fui Eu, o Senhor, que te chamei segundo a justiça; // <u>toméi-te pela mão</u> , / <u>formei-te</u> / e fiz de ti a aliança do povo e a luz das nações, / para <u>abrires os olhos aos cegos</u> , / <u>tirares do cárcere os prisioneiros</u> / e da prisão os que habitam nas trevas». ///
Com tom solene e aclamativo, olhando a assembleia, convidando-a a responder.	<b>Palavra do Senhor</b>

### Na reflexão, ter em conta os seguintes elementos

A figura misteriosa e enigmática do “Servo” de que fala o Deutero-Isaías apresenta evidentes pontos de contacto com a figura de Jesus... Os primeiros cristãos – colocados perante a dificuldade de explicar como é que o Messias tinha sido condenado pelos homens e pregado na cruz – irão utilizar os cânticos do “Servo” para justificar o sofrimento e o aparente fracasso humano de Jesus: Ele é esse “eleito de Deus”, que recebeu a plenitude do Espírito, que veio ao encontro dos homens com a missão de trazer a justiça e a paz definitivas, que sofreu e morreu para ser fiel a essa missão que o Pai lhe confiou.

A história do “Servo” mostra-nos, desde já, que Deus atua através de instrumentos a quem Ele confia a transformação do mundo e a libertação dos homens. Tenho consciência de que cada batizado é um instrumento de Deus na renovação e transformação do mundo? Estou

disposto a corresponder ao chamamento de Deus e a assumir os meus compromissos quanto a esta questão, ou prefiro fechar-me no meu canto e demitir-me da minha responsabilidade profética? Os pobres, os oprimidos, todos os que “jazem nas trevas e nas sobras da morte” podem contar com o meu apoio e empenho?

Atentemos, ainda, na forma de atuar do “Servo”: ele não se impõe pela força, pela violência, pelo dinheiro, ou pelos amigos poderosos; mas atua com suavidade, com mansidão, no respeito pela liberdade dos outros... É esta lógica – a lógica de Deus – que eu utilizo no desempenho da missão profética que Deus me confiou?

## LEITURA II – Actos 10, 34-38

Os “Atos dos Apóstolos” são uma catequese sobre a “etapa da Igreja”, isto é, sobre a forma como os discípulos assumiram e continuaram o projeto salvador do Pai e o levaram – após a partida de Jesus deste mundo – a todos os homens.

O livro divide-se em duas partes. Na primeira (cf. Act 1-12), a reflexão apresenta-nos a difusão do Evangelho dentro das fronteiras palestinas, por ação de Pedro e dos Doze; a segunda (cf. Act 13-28) apresenta-nos a expansão do Evangelho fora da Palestina (até Roma), sobretudo por ação de Paulo.

O nosso texto de hoje está integrado na primeira parte dos “Actos”. Insere-se numa perícopes que descreve a atividade missionária de Pedro na planície do Sharon (cf. Act 9,32-11,18) – isto é, na planície junto da orla mediterrânica palestina. Em concreto, o texto propõe-nos o testemunho e a catequese de Pedro em Cesareia, em casa do centurião romano Cornélio. Convocado pelo Espírito (cf. Act 10,19-20), Pedro entra em casa de Cornélio, expõe-lhe o essencial da fé e batiza-o, bem como a toda a sua família (cf. Act 10,23b-48). O episódio é importante porque Cornélio é o primeiro pagão a cem por cento a ser admitido ao cristianismo por um dos Doze: significa que a vida nova que nasce de Jesus se destina a todos os homens, sem exceção.

Depois de estar garantida a atenção da assembleia, lê-se o título do texto	Leitura dos Atos dos Apóstolos ///
O <i>itálico</i> lido em tom diferente.	<i>Naqueles dias, /</i>
No <b>disse</b> , preparar a introdução ao discurso.	Pedro tomou a palavra e <b>disse</b> : //
O <i>itálico</i> lido em tom diferente.	«Na verdade, /
	eu reconheço que Deus não faz aceção de pessoas, /
	mas, <i>em qualquer nação</i> , /
	aquele que O teme e pratica a justiça é-lhe agradável. //
	Ele enviou a sua palavra aos filhos de Israel, /
O <u>sublinhado</u> lido em tom diferente.	anunciando a paz por Jesus Cristo,
	<u>que é o Senhor de todos</u> . //
	Vós sabeis o que aconteceu em toda a Judeia, /
	a começar pela Galileia, /
	depois do batismo que João pregou: //
Ler expressivamente, até com convicção o <b>negrito</b> .	<b>Deus ungiu com a força do Espírito Santo a Jesus de Nazaré, /</b>
	<b>que passou fazendo o bem /</b>
	<b>e curando todos os que eram oprimidos pelo demónio, /</b>
	<b>porque Deus estava com Ele</b> ». ///
Com tom solene e aclamativo, olhando a assembleia, convidando-a a responder.	<b>Palavra do Senhor</b>

### Na reflexão, ter em conta os seguintes elementos

Jesus de Nazaré “passou pelo mundo fazendo o bem e curando todos os que eram oprimidos pelo demónio”. Nos seus gestos de bondade, de misericórdia, de perdão, de solidariedade, de amor, os homens encontraram o projeto libertador de Deus em ação... Esse projeto continua, hoje, em ação no mundo? Nós, cristãos, comprometidos com Cristo e com a sua missão desde o nosso Batismo, testemunhamos, em gestos concretos, a bondade, a misericórdia, o perdão e o amor de Deus pelos homens? Empenhamo-nos em libertar todos os que são oprimidos pelo demónio do egoísmo, da injustiça, da exploração, da solidão, da doença, do analfabetismo, do sofrimento?

“Reconheço que Deus não faz aceção de pessoas” – diz Pedro no seu discurso em casa de Cornélio. E nós, filhos deste Deus que ama a todos da mesma forma e que a todos oferece, igualmente a salvação, aceitamos todos os irmãos da mesma forma, reconhecendo a igualdade fundamental de todos os homens em direitos e dignidade? Que sentido fazem, então, as discriminações por causa da cor da pele, da raça, do sexo, da orientação sexual ou do estatuto social?